

LOUCURA OU DESAJUSTE SOCIAL

Ana Maria Honorato Borges: <https://orcid.org/0000-0002-7213-1822>
Euzilene Ferreira de Rezende: <https://orcid.org/0000-0001-9016-2107>
Ludimila Lemes Arruda Ferreira: <https://orcid.org/0000-0001-5678-1158>
Wedson Ferreira da Cruz: <https://orcid.org/0000-0002-8096-0604>

Faculdade de Inhumas - FACMAIS – Inhumas/GO
Faculdade de Inhumas - FACMAIS – Inhumas/GO
Faculdade de Inhumas - FACMAIS – Inhumas/GO
Faculdade de Inhumas - FACMAIS – Inhumas/GO

RESUMO: O objetivo deste artigo é refletir a respeito da loucura. Trata-se de um estudo teórico que busca no conto de Bernardo Élis, *André Louco*, recursos para compreender a relação da literatura com a loucura, entendendo esta última como uma figura de transgressão. Tem-se como tese que essa figura transgressiva é capturada como um modelo pela literatura, para criticar uma certa racionalidade social. Como referencial teórico para ponderar esta temática, buscamos nos voltar a Foucault em seu livro *História da Loucura*. Parte-se do seguinte questionamento: como a literatura narra sobre a loucura, construindo uma fronteira entre o normal e o patológico.

Palavras-chave: Literatura. Loucura. Desajuste Social.

ABSTRACT: The purpose of this article is to reflect on madness. It is a theoretical study that seeks in the short story by Bernardo Élis, *André Louco*, resources to understand the relationship between literature and madness, understanding the latter as a figure of transgression. It has as a thesis that this transgressive figure is captured as a model by literature, to criticize a certain social rationality. As a theoretical framework for considering this theme, we seek to turn to Foucault in his book *História da Loucura*. It starts with the following question: how literature narrates about madness, building a border between normal and pathological.

Key words: Literature. Crazy. Social maladjustment.

Como citar o artigo: BORGES, A. M. H.; REZENDE, E. F. DE; FERREIRA, L. L. A.; CRUZ, W. F. DA. LOUCURA OU DESAJUSTE SOCIAL. Revista Científica Novas Configurações – Diálogos Plurais, Luziânia, v.2 n. 2 2021. DOI:

1. INTRODUÇÃO

A loucura foi um tema que demandou muitas reflexões por longa data, gerou estudos em diversas áreas do conhecimento e continua sendo um tema polêmico ainda hoje. Este artigo objetiva refletir a respeito da loucura - questão que foi muitas vezes marginalizada e excluída da sociedade. Trata-se de um estudo teórico que se utiliza do conto *André Louco*, de Bernardo Élis, para compreender a relação da literatura com a loucura, entendendo esta última como uma figura de exclusão. Tem-se como tese que essa figura transgressiva se coloca como um modelo para a literatura.

Por outro lado, a obra *História da Loucura* (1978), de Michael Foucault, nos leva a refletir a respeito da forma como a sociedade, desde o Renascimento, representa a loucura na literatura,

Fonte de financiamento: Não possui.

Conflito de interesse: Os autores declaram não haver conflito de interesse.

E-mail dos autores: pleiades.anaborges@gmail.com, euzilenerzende@hotmail.com, ludimilalesmesarruda@gmail.com, professorwedson@gmail.com

Submetido: 03/11/2020.

Aprovado: 05/02/2021.

Editor: Marcelo Máximo Purificação.

<LicensePara>: Tipo de licença. Caso não utilize a licença CC-BY, será necessário alterar o selo ao lado.



como é o caso. Essa forma de interpretação da loucura pode ser facilmente observada no conto de Bernardo Élis, que será aqui apresentado.

2. CONTO DE BERNARDO ÉLIS – ANDRÉ LOUCO

Bernardo Élis Fleury de Campos Curado, nasceu em 15 de novembro de 1915 e faleceu em 30 de novembro de 1997, com 82 anos. Nasceu em Corumbá de Goiás, escolarizou-se em casa com seu pai Érico José Curado (que era poeta) e sua mãe Marieta Fleury de Campos Curado. Mudou-se para a Cidade de Goiás - cidade que nesses anos vivia a transição da capital do Estado para Goiânia - e Bernardo, veio para Goiânia terminar seus estudos.

Terminou o Clássico no Lyceu de Goiânia. Estudou filosofia, línguas, história, literatura e formou-se no curso de Direito. Tentou ir morar na Capital Federal, que nessa época era a cidade do Rio de Janeiro, mas teve dificuldades para se manter naquela cidade, voltando a viver na cidade de Goiânia.

Bernardo Élis viveu momentos frenéticos da História de Goiás na sua juventude, pois viu nascer a nova Capital do Estado; a nova política de Pedro Ludovico Teixeira; as famosas investidas de Getúlio Vargas com a Marcha para o Oeste, passando por muitas regiões do Estado de Goiás; a construção de Brasília; as mudanças na agricultura; a modernização das áreas do cerrado goiano e o grande movimento dos homens do campo que se voltaram às periferias das cidades grandes com o intuito de conseguir trabalho melhor e colocar os filhos na escola.

Foi pioneiro na nova capital Goiânia, sendo o 1º secretário da Prefeitura de Goiânia do 1º prefeito, Sr. Venerando de Freitas Borges.

Começou a trabalhar sua vida pública em Anápolis - Goiás, com dezenove anos, aos vinte e nove anos, em 1944, lança seu primeiro livro: *Ermos e Gerais*. Escreveu mais de vinte livros, muitos ensaios, crônicas, poemas, romances e novelas. Casou-se por duas vezes e quando jovem filiou-se ao partido PCdoB e se dizia comunista.

Foi membro da Academia Goiana de Letras e muito contribuiu com a Literatura Goiana, levando o nome de Goiás para todo o Brasil e exterior. Ganhou o prêmio da bolsa de publicações Hugo de Carvalho Ramos em 1944. Seu livro *Ermos e Gerais* é considerado uma Literatura Regionalista do Brasil, pois, em sua obra, ele mostra as injustiças contra os homens simples do campo. Aprendeu a oralidade e os causos do povo simples que convivia em sua cidade natal, Corumbá de Goiás, o que fez sua obra ser destacada.

Vários de seus livros e contos já foram adaptados para o cinema e para a televisão brasileira. Suas obras denunciam a sensibilidade e o servilismo do camponês dos grandes ermos do cerrado goiano, dos grandes espaços vazios devido ao grande latifúndio de terras e do abandono da população por parte dos governantes. É o único goiano a pertencer a Academia Brasileira de Letras, eleito em 23 de novembro de 1975.

2.1. O CONTO ANDRÉ LOUCO

O conto *André Louco* faz parte da coletânea de seu livro - *Ermos e Gerais*. Nele, Bernardo Élis narra a história de André, personagem que morava na região do grande sertão do cerrado goiano, em uma cidadezinha, onde um dia em uma festa, André fica bêbado e dá uns tiros. Um dos



tiros acerta o peito de Angelina Baiana. Com isto, o delegado o proíbe de voltar à cidade, ele deve permanecer com a sua família. Outros acontecimentos ocorrem, André cometera algumas peripécias a tal ponto que foi preso e considerado louco:

(...) André, desde mocinho, tinha um gênio insuportável. Na quadra da folia, na cidade, embriagou-se e fez um tempo quente que ficou memorável. Deu no delegado, nos bate-paus, saiu pelas ruas dando tiros nas paredes. Todo o mundo fechou as portas e uma bala ricochetada atravessou os peitos da Angelina Baiana. - Aquela peitaria de meio metro que ela trazia sempre à mostra entre as rendas do cabeção. Foi Antão Arrieiro que o abotoou de sopetão no quebrar da esquina. Uma mão de aloite de feras. Antão era negro retado, acostumado a bolear fardos de 4 arrobas e tanto deu no André um chascão que o botou muito longe, espapaçado (ÉLIS, 1959, p. 31).

Na prisão ele sofre vários tipos de abuso, desde ficar amarrado em um tronco na porta da cadeia, como ser exposto ao sol, chuva e todo tipo de degradação, fica sem água, sem comida e sofrendo humilhações das crianças da comunidade. André consegue fugir e sai pela cidade a noite arrastando as correntes, passa medo nas pessoas, cheias de superstições e fantasias. Contudo, André é capturado, de volta à prisão as autoridades da cidade decidem entregá-lo para a sua família:

(...) André Louco, hoje, estava ali na cadeia, no calabouço úmido, com o corpo ferido, magro, algemado, e com uma corrente deste tamanho no pé. - Tadinho dèle – gemia Sá Maria Lemes. O pessoal do largo da cadeia mudou-se quase todo, porque André gritava o que dava o dia e a noite. Aquêles gritos horríveis, irracionais e dolosos. Outras vêzes ria, dando pancadas contra as paredes, contra a porta do calabouço, contra a grade. Um riso estertoroso e enervante. De noite, assombrava a cidade com os urros. No silêncio de desespero da cidade desfalecida de atraso e trevas, o grito rouco de André acordava assombrações e pesadelos (ÉLIS, 1959, p. 33).

Sua família morava em umas terras não muito longe da cidade. Entregaram André a seus familiares sob a orientação de um baiano que acabara de chegar por ali. Este dizia que, na Bahia, esse comportamento seria coisa fácil de se arranjar, pois André estava com um espírito ruim em seu corpo. Resolveram fazer um colete de couro e amarrá-lo novamente. Tal ato causou muita dor e sofrimento para ele, pois foi acometido de vários bichos em seus machucados. A crueldade não parou por aí, jogaram também um forte remédio usado naquela época para curar bicheiras de animais, o que fez André sentir tanta dor e falecer:

(...) Assim é que, quando certa vez os irmãos acordaram, foi com o corpo do demente fervendo de coró, feito um pacote de toucinho zangado. Aliás, foi a catinga desesperada da bicheira que chamou a atenção de uma das mulheres que vivia pitando agachada na beira da fonalha. Urgia um remédio. O baiano, mais uma vez, salvou a situação. - Isso, na Bahia, é coisa simples. É só benzê. Mais o coipo do infeliz tá intupido de demonho e num aceita reza. O mió mermo é ribá criolim (ÉLIS, 1959, p. 107).

E assim o baiano benzeu André colocando todos a rezar com a certeza de que, depois de um tempo, iriam sair muitos demônios furiosos do corpo do morto. Bernardo Élis termina o conto narrado pelas memórias de um menino, em que a personagem Joana sempre o assusta contando seus causos de assombração e de credices populares, muito em voga na limitante vida do povo do sertão.

3. ANÁLISE DA OBRA

A literatura muitas vezes visa denunciar o que acontece na sociedade. Os poetas conseguem mostrar muitas coisas do cotidiano por terem uma sensibilidade aguçada que muitas vezes não percebemos. Bernardo Élis é um desses poetas, ele percebe o que está oculto nas próprias entranhas da vida.



Em sua obra *André Louco*, ele denuncia de uma forma muito sutil o que acontecia naqueles anos das décadas de 1950 e 1960, nos grandes sertões de cerrado. Ele mostra, como neste imenso Estado de Goiás - onde a extensão de terras era muito grande e com poucos proprietários - a população mais pobre do Estado, não tinha onde morar, a não ser nas pequenas vilas, arraial e ou cidadezinhas que existiam, também era comum morar como arrendatários e ou meeiros nessas grandes propriedades de terras.

O escritor aborda também um tema que sempre foi muito questionado e escondido pela sociedade – algo que vemos no interior de famílias: o fato de considerar uma pessoa com “problema”, deveria ser escondida de todos. Muitos eram supersticiosos ou viam a loucura ou doença mental como um castigo de Deus, ou como possuídos pelo diabo, confundiam a doença com a deficiência e a loucura, não conseguiam separar uma coisa da outra, pois a dominação muitas vezes da igreja e o medo do desconhecido, davam asas à imaginação das pessoas. Tendo o analfabetismo e a ignorância como a mola mestra, o científico não era compreendido, a superstição e o desconhecido mostravam uma força e poder que assustava.

Que se veja nessa passagem de Élis:

Foi numa noite assim, depois da morte da criança, quando André, amarrado no moirão da porta da cadeia, atroava a noite de imprecações, que deram o alarme dentro da igreja: - André Louco! Foi um berreiro dos trezentos no templo. Sá Maria continuou firme no seu posto, enquanto o resto do povo, inclusive Chiquinho Sacristão, corria às cegas pela casa. Encontrões, quedas, recuos. Afinal, a igreja ficou deserta, só com Sá Maria ao pé do altar prossequindo na reza agora manca. As velas se apagaram. Joana chegou lá em casa esbaforida, tremelicando, levemente ovejuna, meio azulada. Nem podia falar, as ventas que nem dois foles. - Que é isso negra, parece que viu o capeta? – André Louco na igreja. Me deu um pescoção, espia só. Mostrou a cara contundida. Minha mãe olhou para o papai, como que indagando se ele não ia lá. – Não tenho nada com isso, estou cansado de dizer que esse louco não pode continuar na cidade, - respondeu ele (ÉLIS, 1959, p. 95).

Bernardo Élis aprendeu a oralidade simples do povo sertanejo, ouviu seus causos e suas dores. Em suas obras, mostrou o retrato de um Estado com poucos recursos e isolado geograficamente neste grande País. Vale lembrar que na época que foi escrito o livro, Goiás e Tocantins formavam um único Estado. Via-se uma falta de apoio dos governantes neste Estado tão grande, e a subserviência do homem do campo que se sentia desamparado e acreditando que tudo era vontade de Deus, um argumento naturalizado que as pessoas preferem acreditar, secundarizando a existência de uma possível usura do próprio homem:

Papai passou ainda um punhado de dias descompondo o capital, o coronelismo, pregando contra a religião, falando sobre o comunismo. Tudo porque desconfiara de que um “não” havido na votação do júri só poderia ter partido do cel., daquele parasita social, daquele usurário. - Pois é, Pedro, quando morrer o derradeiro cel., quando o derradeiro sujeito que empresta dinheiro for fuzilado, o mundo há de ser bom - e você não matará mais ninguém. – Será que é mesmo, Seu João. Deus premita! Meu pai até se riu da inocência de Pedro (ÉLIS, 1959, p. 63).

André na verdade poderia ser apenas um jovem revoltado com a condição de abandono que vivia o homem do campo, tinha pouca instrução e quando bebia, expunha todo seu desatino com a vida não observando as consequências de seus atos. Foi extremamente maltratado, como um bicho, sofreu todo tipo de degradação por pessoas que também estavam muito insatisfeitas com as suas vidas, foi através dos urros que conseguiram se ver, mesmo assim, a cidade pode descortinar a sua mesmice.

4. A BASE FOUCAULTIANA PARA COMPREENSÃO DA LOUCURA



A sociedade tem dificuldades de aceitar o diferente, aquele que não pertence a nenhum grupo, como o pobre, o doente, o louco. Em sua obra *História da Loucura* (1978), Michael Foucault com o seu método que chamou de Arqueologia do saber, faz uma análise na história europeia desde o Renascimento até meados do século XIX, sobre a questão do estatuto da loucura. Sua reflexão nos leva a pensar como o homem, no período iluminista, que não se enquadrava dentro de um espaço social e seus padrões sociais de comportamento dissonavam do critério de normalidade criados por essa mesma sociedade - uma sociedade que define o critério do que seria “aceitável ou não”. Aqueles que são enquadrados no “não aceitável” para uma época da “Razão”, era discriminado, desvalorizado e descartado.

O espaço social no qual se situa a doença se vê assim inteiramente renovado. Da Idade Média ao final da era clássica, ele havia permanecido homogêneo. Todo homem caído na miséria e na doença tinha direito à piedade dos outros e a seus cuidados. Estava universalmente próximo de cada um deles, a todo instante podia apresentar-se a todos. E quanto de mais distantes viesse, quanto mais desconhecido fosse seu rosto, mais acentuados eram os símbolos de universalidade por ele trazidos, era então o Miserável, o Doente por excelência, ocultando em seu anonimato os poderes da glorificação (FOUCAULT, 1978, p. 455).

Desde o final da idade média, quando a lepra deixa de ser o mal que assombrava o homem, os espaços vazios tornaram-se úteis e aproveitáveis como lugares de assistência, hospitais e apoio às pessoas enfermas, se tratava de muitos patrimônios por toda a Europa tendo agora uma ressignificação de função.

Inicialmente a lepra foi substituída pela doença venérea, que além dos maus hábitos de higiene, era também uma doença moral, pois quem a possuía, era considerado uma pessoa devassa, promíscua e libertina. No final do século XVI, os portadores desta doença eram recebidos nos antigos leprosários.

A partir do século XVII, quando a doença venérea foi controlada pela medicina e até ser extinta em algumas regiões da Europa, foi surgindo na sociedade novas “doenças de exclusão”. Tinha-se aqui enquadrado os desempregados, os mendigos, os ignorantes, os boêmios, as prostitutas, os insanos, os libertinos, os débeis e os considerados loucos por não se caracterizarem em nenhum contexto social:

Internam-se como “Libertinos” todos aqueles que não se consegue rotular como loucos. Será somente a obra de Sade, ao final do século, e no momento em que se desfaz o mundo do internamento, que conseguirá deslindar essa confusa unidade: a partir de uma libertinagem reduzida ao denominador da aparência sexual mais flagrante, ela reatará com todos os poderes do desatino, reencontrará a profundidade das profanações, deixará que subam por ela todas essas vozes do mundo no qual se abole a natureza. Mas esta mesma obra, no discurso que ela persegue indefinidamente, não é a manifestação dessa essencial uniformidade na qual o desatino, ao final do século XVIII, vem à tona? Uniformidade das variações sexuais, cujo incessante recomeçar deve ser admitido como numa prece sempre recomeçada e que servem de invocação para o desatino distante (FOUCAULT, 1978, p. 424).

O indivíduo passa a ser considerado como uma pessoa insana que não domina sua mente, seus aspectos mentais e suas variações sexuais, em que o desatino vem à tona, surgindo assim em boa parte da Europa a “Nau dos Loucos”, que vagava de um lugar para o outro sem nunca ter aonde chegar:

(...), mas de todas essas naves romanescas ou satíricas, a *Narrenschiff* é a única que teve existência real, pois eles existiram, esses barcos que levavam sua carga insana de uma cidade para outra. Os loucos tinham então uma existência facilmente errante. As cidades escurravam-nos de seus muros, deixava-se que corresse pelos campos distantes, quando não eram confiados a grupos de mercadores e peregrinos (FOUCAULT, 1978, p. 13).



Foucault descreve o processo de transformação da loucura não só como uma doença na Biologia ou uma doença mental, mas retrata-a como uma espécie de insanidade capaz de se reproduzir na mente humana. O desatino da loucura dá uma nova necessidade ao homem de perceber sua vida e a do outro.

Também a imbecilidade comporta perigos mortais, mas sob outra forma: o imbecil não pode assegurar sua existência nem responder por ela: entrega-se passivamente à morte - que não é mais violência, porém pura e simples incapacidade de subsistir por si só (a recusa em alimentar-se é considerada como indício mais manifesto da imbecilidade). A loucura se situa e oscila entre esses dois pontos em que culmina. A única classificação que existe é em relação a essa dupla urgência. Acima de tudo, o internamento distingue na loucura os perigos de morte que ela comporta: é a morte que faz a divisão, e não a razão, nem a natureza. Todo o resto é ainda, apenas, o grande formigamento individual das faltas e dos defeitos. Esse o primeiro esforço para uma organização do mundo dos asilos para a loucura e seu prestígio permanecerá bem grande até o fim do século XVIII, a ponto de Tenon admiti-lo ainda como inteiramente válida, na medida em que dita os imperativos da coerção: os loucos distinguem-se em imbecis e furiosos, uns e outros exigem uma vigilância contínua (FOUCAULT, 1978. p. 427).

Na pesquisa de Foucault, ele percebe que só a pessoa que era considerada louca, ou sofria do desatino - uma forma de loucura para muitos, é que seria internada e acorrentada, dependendo de como a pessoa se comportava frente a uma coerção, daí a ideia de uma forma de vigilância constante. O homem com sinais de desatino era considerado uma pessoa possuída pelo encantamento por algo ou por alguém e se tornava possuidor de um grande poder de fascinação.

Ora cai numa espécie de demência desprovida de toda razão e de todo sentimento de humanidade, ora é agitado por uma paixão violenta que o atormenta e entra num frenesi que só faz com que respire sangue, morte, carnificina, e nesses momentos de perturbação e agitação, não reconhecendo ninguém, não reconhecendo a si mesmo, deve-se temer por tudo (FOUCAULT, 1978, p. 428).

O insensato, nesse sentido, não é inteiramente estranho ao mundo da razão, mas uma razão pervertida. O alienado faz permanecer as forças vivas da loucura, coloca em jogo os limites da razão e se torna um ser estranho - agitado e violento, em que há uma espécie de frenesi e furor.

A análise de Foucault permite compreender que o louco muitas vezes acorrentado e em prisão asilar, já no século XVIII, foi mantido excluído - à margem da sociedade, não integrado a ela. Na verdade, a exclusão dos indesejáveis - aqueles que nada produziam, os desempregados, os vagabundos, as prostitutas e todas as pessoas que não tinham trabalho ou família.

Na sociedade do século XIX também não foi muito diferente, com o nascimento da clínica e a afirmação da medicina enquanto detentora do saber sobre todos os doentes, deu-se que a medicina passa ter o poder de decisão de quem estava doente ou não. O pensamento médico pôde decidir, portanto, sobre o estatuto dos asilos.

Com o espaço do internamento assim habilitado por valores novos e por todo um movimento que lhe era desconhecido, a medicina poderá, e só agora, apossar-se do asilo e, chamar para si todas as experiências da loucura. Não é o pensamento médico que forçou as portas do internamento; se os médicos hoje reinam no asilo, não é por um direito de conquista, graças à força viva de sua filantropia ou de sua preocupação com a objetividade científica. É porque o próprio internamento aos poucos assumiu um valor terapêutico, e isso através do reajustamento de todos os gestos sociais ou políticos, de todos os ritos, imaginários ou morais, que desde mais de um século haviam conjurado a loucura e o desatino (FOUCAULT, 1978, p. 478).

No século XIX houve a conquista da união dos conceitos da teoria médica e dos ambientes dos asilos. Com isso, aconteceu a possibilidade do nascimento da psiquiatria positiva como um novo modelo de asilo para o século XIX.

O saber médico e sua intervenção na psiquiatria foi institucionalizado:

A ciência das doenças mentais, tal como se desenvolve nos asilos, pertencerá sempre à esfera da observação e da classificação. E não poderá ser verdadeiramente um diálogo a não ser no dia em



que a psicanálise tiver exorcizado esse fenômeno do olhar, essencial para a loucura do século XIX, e quando ela tiver substituído sua magia silenciosa pelos poderes da linguagem. Mesmo assim, seria mais justo dizer que ela revestiu o olhar absoluto do vigilante com a palavra indefinidamente monologada do vigiado - conservando assim a velha estrutura asilar do olhar não-recíproco, porém equilibrando-o, numa reciprocidade não-simétrica, através da nova estrutura da linguagem sem resposta (FOUCAULT, 1978, p. 531).

Foi difícil para Foucault fazer sua pesquisa sobre os asilos, pois havia uma organização muito primária dos registros encontrados. Foi a partir de um método muito bem construído que ele conseguiu realizar uma arqueologia da loucura. Ele percebeu descontinuidades que deveriam ser marcadas:

E durante muito tempo, aquilo que tradicionalmente se chama “Psiquiatria Clássica” - aproximadamente, a que vai de Pinel a Bleuler - formará conceitos que no fundo são apenas compromissos, incessantes oscilações entre esses dois domínios da experiência que o século XIX não conseguiu unificar: o campo abstrato de uma natureza teórica na qual é possível isolar os conceitos da teoria médica, e o espaço concreto de um internamento artificialmente estabelecido, onde a loucura começa a falar por si mesma. Houve como que uma “analítica médica” e uma “percepção asilar” que nunca se adequaram uma à outra, e a mania classificatória dos psiquiatras do século passado indica provavelmente um incômodo sempre renovado diante dessas duas fontes de experiência psiquiátrica e da impossibilidade de conciliá-las. Não é o conflito entre experiência e teoria, entre a familiaridade e o saber abstrato, o bem conhecido e o conhecido; de um modo mais secreto, é um dilaceramento na experiência que tivemos e talvez tenhamos sempre, da loucura - dilaceramento que separa a loucura considerada por nossa ciência com doença mental daquilo que ela pode entregar de si mesma no espaço em que nossa cultura a alienou. Fiel a ameaças da morte e ao sentido da linguagem, a percepção asilar sem dúvida fez mais do que toda a nosografia do século XVIII para que um dia se viesse a prestar atenção àquilo que a loucura podia dizer de si mesma. Um trabalho mais profundamente médico do que a medicina estava em vias de realização lá mesmo onde a medicina não tinha curso, lá mesmo onde os loucos não eram doentes (FOUCAULT, 1978, p. 431).

Durante um longo tempo do século XIX, a psiquiatria teve como objetivo fazer um trabalho de análise das monomanias existentes nas pessoas consideradas loucas. A forma da psiquiatria pensar a doença se modifica assim como a da sociedade de enxergar esse “outro”. Na medicina, Tuke e Pinel já tinham aberto uma nova concepção de pensar:

Acredita-se que Tuke e Pinel abriram o asilo ao conhecimento médico. Não introduziram uma ciência, mas uma personagem, cujos poderes atribuíam a esse saber apenas um disfarce ou, no máximo, sua justificativa. Esses poderes por natureza, são de ordem moral e social, estão enraizados na minoridade do louco, na alienação de sua pessoa, e não de seu espírito. Se a personagem do médico pode delimitar a loucura, não é porque a conhece, é porque a domina, e aquilo que para o positivismo assumirá a figura da objetividade é apenas o outro lado, o nascimento desse domínio (FOUCAULT, 1978, p. 549).

Tomemos, por exemplo, a experiência de William Tuke. Diz-se que ele foi um grande filantropo. Era membro do grupo dos filantropos da *Religious Society of Friends* e revolucionou os asilos com o tratamento humanizado, pois tentava deixar os doentes do asilo sem contenções pelas correntes e separar os “loucos dos não loucos”. Philippe Pinel, por sua vez, nasceu em uma prisão da França. Depois de receber um diploma da faculdade de medicina em Toulouse, estudou e foi para faculdade de Medicina de Montpellier. Chegou a Paris em 1778. É considerado por muitos o pai da Psiquiatria. Ambos foram estudiosos que muito contribuíram com a mudança do modelo asilar existente desde o século XVIII – modelo que mudou a abordagem de ver a pessoa considerada louca e como deveria ser o seu tratamento e diagnóstico.

Para muitos pesquisadores, a libertação dos chamados alienados só aconteceu por meio da intervenção de William Tuke e Philippe Pinel. A Psiquiatria positivista não libertou os loucos da união do desatino com a loucura que aconteceu durante o classicismo ao longo do século XVIII. Mas fez isso por um processo de transformação lenta e gradativa dentro do próprio asilo, desenvolvendo a consciência dos próprios internos. Supostamente, eles foram capazes de perceber que ali, naquele internamento, não era o seu lugar.



Freud fez deslizar na direção do médico todas as estruturas que Pinel e Tuke haviam organizados no internamento. Ele de fato libertou o doente dessa existência asilar na qual o tinham alienado seus "libertadores". Mas não o libertou daquilo que havia de essencial nessa existência; agrupou os poderes dela, ampliou-se ao máximo, ligando-os nas mãos do médico. Criou a situação psicanalítica, onde, por um curto-circuito genial, a alienação torna-se desalienante porque, no médico, ela se torna sujeito (FOUCAULT, 1978, p. 554).

Freud desorganizou toda a ideia de estruturas de asilos existentes naquela época, modificou o tratamento, deu poder a medicina para atender o doente, retirou as calúnias e a condenação sobre os doentes, passou a perceber o doente mental como um ser que tinha corpo e alma, e fez esse corpo sair da invisibilidade e tornar-se visível.

Com o surgimento da clínica moderna, da Psicanálise e da Psicologia, foi necessário que tivéssemos um novo conceito sobre a loucura e o desatino, e como estes conceitos seriam estruturados. A partir da psicologia, a loucura passa a ser entendida como uma doença patológica e orgânica, o desatino passa a ser uma doença da mente e é a psicologia que vai tratar dela. Com base nessa nova forma de ver o ser humano, as relações com a ideia de loucura se modificam, os loucos começaram a ser vistos como seres humanos que, em um momento específico, passaram por algo traumatizante e que precisam de ajuda.

Foucault nos mostra que a loucura pode ser pensada de forma distinta em épocas e situações diversas. A ideia de usar como suporte teórico o livro *História da Loucura* de Michael Foucault, nesse estudo, apostou que a reflexão sobre o estatuto da loucura, tal como concebido por Foucault, poderia nos dar uma luz na compreensão do tema abordado no conto de Bernardo Élis, *André Louco*.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse texto pretendeu-se pontuar algumas questões acerca da relação entre literatura e loucura, buscando argumentos para responder ao questionamento de como a literatura narra sobre a loucura, construindo uma fronteira entre o normal e o patológico. O conto *André Louco* de Bernardo Élis foi escolhido como suporte para essa reflexão. Pode-se inferir a partir do conto, que o louco, essa figura transgressiva capturada como modelo pela literatura posterga os códigos que a sociedade impõe, utilizando-se de caricaturas do real, de personagens, para fazer uma crítica a essa mesma sociedade, que interpreta o louco e lhe nega o direito de pertencimento ao seu meio social.

Bernardo Élis observa o cotidiano e a vida cultural de uma época, retratando os infortúnios de um tempo em que os loucos muitas vezes não eram tratados com respeito. Segundo (MANZI, 2020, p. 13), Foucault demonstra em sua obra *História da Loucura*, que a literatura retrata a loucura e esta pode ser entendida como uma maneira de "[...] livrar a loucura da figura da doença mental", ou seja, a loucura não é uma doença mental, nem o desatino.

Uma sociedade construída dentro dos padrões de normalidade, cria suas zonas patológicas, isolam mesmo que virtualmente os diferentes, estabelecem territórios e faz questão de construir uma fronteira entre o normal e o patológico, como forma de justificativa para sua incapacidade de perceber o outro e sua diferença.



“O que é então a loucura”? Para responder essa pergunta, Foucault em sua pesquisa, acredita que a literatura é transgressiva em seus códigos linguísticos, pois a pessoa considerada louca também transgride, dessa forma o transgressor também pode romper com código linguístico pré-estabelecido e pode usar a fala para denunciar fatos usando códigos diferentes (MANZI, 2020).

Concluindo, Bernardo Élis usa no texto literário uma linguagem própria do seu povo e mostra a loucura como uma ruptura da homogeneidade daquela sociedade. Com isso, pode-se inferir que a literatura usa de uma transgressão linguística para retratar a sociedade e para criticar a racionalidade social acerca da loucura.

REFERÊNCIAS

ÉLIS, Bernardo. **André Louco**. Goiânia: Ed. Oió, 1959.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1978.

CURADO, B. A. A. J. F. Bernardo Élis Fleury de Campos Curado: Literatura, Alma Goiana e Sentimento. **Revista Sapiência**: sociedade, saberes e práticas educacionais. Iporá, volume 09, n. 4, p.1-8, 2020. Disponível em: < <https://www.revista.ueg.br/index.php/sapiencia/article/view/11173>>. Acesso em 01 de mar. 2021.

MANZI, R. F. Desativar a loucura da doença Mental: uma leitura sobre a transgressão linguística em Foucault. **Cadernos Zygmunt Bauman**. Maranhão, v.10, n. 24, 2020. Disponível em: < <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/15402>>. Acesso em 06 mar. 2021.

Informações sobre os autores:

A. M. H. B: Mestranda em Educação pela Faculdade de Inhumas. E-mail: pleiades.anaborques@gmail.com

E. F. R: Mestranda em Educação pela Faculdade de Inhumas. E-mail: euzenerezende@hotmail.com

L. L. A. F.: Mestranda em Educação pela Faculdade de Inhumas. E-mail: ludimilalemesarruda@gmail.com

W. F. C.: Mestrando em Educação pela Faculdade de Inhumas. E-mail: professorwedson@gmail.com

Contribuição dos autores: conceitualização, captação de recursos, supervisão, redação.